

# *Rasalila*

## Uma mandala de amor

Baseada numa história da *Bhagavata Purana*

### PRÓLOGO

A história de Shri Krishna, das *gopis*, e da *Rasalila*, vem sendo contada na Índia há muitos séculos. Ela está presente em grandes escrituras como o *Hariyamsha*, o *Vishnu Purana*, o *Bhagavata Purana*, e o *Gitagovinda*, a mais antiga delas datada, em parte, do século IV d.C. Esses textos descrevem Shri Krishna como um *avatar* do Senhor Vishnu, o poder sustentador do universo, que renasce a cada vez que a justiça, ou *dharma*, está em perigo.

Shri Krishna nasceu na família real de Mathura, como um dos netos do Rei Ugrasena. Na época do seu nascimento, seus pais eram prisioneiros de seu tio, o tirano Kamsa, que havia deposto o rei. Para salvar o bebê, Krishna foi levado em segredo para uma área remota no Rio Yamuna. Lá, na floresta de Vrindavan, ele foi criado por uma família de pastores. Cresceu cuidando do gado com o resto das crianças, tomando banho nas águas frias de rio, e pulando de galho em galho nas árvores.

Krishna era conhecido como uma criança especialmente agradável, mas, na maior parte do tempo conforme crescia entre eles, o povo de Vrindavan mal tinha noção de sua natureza divina. Isso acontecia porque Shri Krishna tinha a habilidade de invocar o poder de *maya*, ou ilusão, para ocultar a sua verdadeira identidade.

*Rasalila* é uma história sobre uma das vezes em que ele se revelou. “*Rasa*” faz lembrar uma dança de roda tradicional das áreas rurais da Índia, e “*lila*” significa brincadeira, ou jogo. Logo, “*Rasalila*” significa “O Jogo da

Dança”. A história fala a buscadores de todos os lugares sobre a natureza de Deus e o anseio humano por uma união espiritual.

**PARTE UM:**  
**Krishna, príncipe dos pastores**

Na época em que Krishna havia se tornado um jovem adulto, não havia moça ou mulher do vilarejo que não tivesse se apaixonado por ele. Era tão encantador, elas diziam, tão belo com seu cabelo cacheado e sua pele escura que parecia ter um brilho próprio; seus olhos eram tão gentis; e quando elas estavam na presença dele, cada uma se sentia linda e especial. E havia também a sua flauta. Ele nunca ficava sem sua flauta, e todas concordavam que ninguém tocava de uma forma mais doce do que ele. Sempre que o ouviam tocar, elas se entreolhavam e sorriam — e então achavam uma desculpa para sair andando na direção do som. Ao chegar perto, constatavam que não haviam sido as únicas atraídas pelo som da flauta de Krishna. Cervos estavam por perto entre a penumbra das árvores dos arredores; pássaros escutavam empoleirados nos galhos das árvores; borboletas pousavam no seu cabelo. E, com muita frequência, uma das jovens do grupo, uma *gopi* chamada Radha, que era especialmente devotada a Krishna, estaria sentada aos seus pés.

Então, durante certos períodos do ano, era tradição que os homens e as mulheres de Vrindavan se reunissem na floresta para dançar. Para os mais novos, a *rasa* era um ritual de cortejo, uma chance de encontrar um parceiro. Por semanas eles ficavam ansiosamente esperando aquela ocasião. À noite, depois que as tarefas do dia tivessem terminado, eles podiam ser vistos aperfeiçoando os passos da dança. Conforme as moças ensaiavam, no fundo do coração de cada uma, havia esse anseio por Krishna, e a esperança de que ele corresponderia ao seu amor.

Krishna sabia disso, e por ser o Senhor encarnado, ele também sabia que esse amor que elas sentiam por ele vinha de um lugar muito mais profundo: um desejo intenso de acabar com qualquer sentimento de separação, um anseio de se unir a Deus.

Ele decidiu que na noite de lua cheia seguinte ele as ajudaria a entender esse anseio, e as ensinaria como realizá-lo.

## **PARTE DOIS: A noite da lua cheia**

Shri Krishna, o Senhor de Todos, esgueirou-se floresta adentro, movendo-se silenciosamente entre as árvores. Ele caminhou com tanta suavidade que nem os cervos o ouviram. À sua frente, o Rio Yamuna brilhava prateado à luz da lua que despontava. O ar estava permeado com sons de grilos e sapos, e denso com a fragrância de flores noturnas. Krishna parou para apreciar os sons, os perfumes, o contato com a terra e os troncos sob seus pés. Naquela noite a floresta parecia excepcionalmente viva. Olhos apareciam dentre as sombras, como se cada pássaro, cada animal, cada inseto tivesse vindo assistir. Até as árvores pareciam atentas e focadas na *lila* que estava prestes a acontecer.

Silenciosamente Krishna moveu-se para além das árvores para uma clareira que ficava no alto de uma elevação à margem do rio, cercada de areia prateada. Ele levou a flauta aos lábios e tocou uma única frase. Pura e delicada, ela ressoou brevemente no ar noturno.

No vilarejo, as *gopis* estavam ocupadas com suas tarefas do entardecer, mas a mais alerta de todas apurou os ouvidos e escutou com atenção. Seria esse som a flauta de Krishna? Elas continuaram prestando atenção. Mas, nada. Diante daquele primeiro sinal apenas Radha deixou sua casa, silenciosamente na ponta dos pés. As outras *gopis* voltaram para suas

tarefas — estavam cozinhando vegetais, abrindo a massa para *chapatis*, colocando seus irmãos e irmãs menores para dormir.

Então ouviram o som de novo, inconfundível: o som divino da flauta do Senhor, um som tão cativante ao coração que assumia prioridade sobre todas as outras coisas.

Desta vez, nas casas de todo vilarejo, as *gopis* largaram o que estavam fazendo. O arroz transbordou, irmãos e irmãs foram entregues a mães e avós. Desalinhasadas, mesmo sem se preparar, as *gopis* saíram correndo de suas casas, segurando seus saris, echarpes ao vento. A única coisa que lhes importava naquele momento era estar com Krishna.

A flauta continuava a soar — mágica, atraente, cheia de promessas — conforme as *gopis*, tropeçando nos troncos pelo chão, os cabelos emaranhados pelos espinhos, corriam, cada uma querendo ser a primeira a chegar até Krishna e ganhar o seu amor.

Elas o encontraram numa clareira à beira do Rio Yamuna sentado sobre uma pedra. Ele estava vestido em seda amarela, uma pena de pavão no cabelo, completamente absorvido nos sons intrincados que criava com sua flauta. Sob o luar, sua pele parecia azul. Ofegantes, as *gopis* pararam repentinamente.

— Ele parece diferente — sussurrou uma.

— Ele parece um deus! — disse outra.

— Ele é um deus — disse Radha, apesar de ainda não entender completamente o significado real de suas palavras.

Shri Krishna observava esse jogo; seus olhos saudavam cada *gopi* conforme ela chegava, e cada uma delas sentiu seu olhar encontrar o dele em boas-

vindas. Repentinamente tímidas, elas se juntaram num grupo, esperando o que iria acontecer em seguida.

Abaixando a flauta por um momento, Krishna desenhou um grande círculo no ar com seu braço – um convite para que elas começassem a *rasa*. Imediatamente, uma das mulheres mais ousadas deu um passo adiante e começou a dançar. Logo outras se uniram a ela. Com os braços erguidos, elas giravam em deleite. Na presença de Krishna, elas se sentiam livres e tão belas como deusas. As mãos batiam palmas e as tornozeleiras tintilavam, conforme elas se moviam em círculos ao redor do seu príncipe pastor.

### PARTE TRÊS:

#### O Senhor se torna muitos

Agora a lua já estava mais alta no céu, e lançava um brilhante caminho de luz pelo rio. Exultante, Shri Krishna se virou, contemplando todas as constelações, os mundos além de mundos, onde os deuses haviam se reunido para assistir à dança e músicos celestiais respondiam à sua flauta.

Na Terra, as *gopis* dançavam ao seu redor em círculos irregulares. Algumas eram exuberantes, outras contidas, algumas eram sedutoras, outras tímidas. Muitas se moviam para mais perto dele, ansiando por atrair seu olhar. Outras, mais inseguras, se mantinham afastadas. O Senhor Krishna olhava para cada uma delas com compaixão. À medida que ele tocava mais rápido, elas também se moviam mais rápido; em breve elas estavam perdidas na dança, na pura alegria de estar com Krishna. Todas ansiavam por ele e repentinamente, não havia um só Krishna, mas dezenas e dezenas de Krishnas – um para cada *gopi*. As *gopis* estavam em êxtase! Cada uma abraçava seu Krishna, na euforia do amor e do deleite. Cada uma sentia que Krishna estava lá apenas por sua causa – que ele a havia escolhido acima de todas as outras! “É devido à minha beleza”, pensou uma. “É

porque eu sou uma dançarina tão graciosa”, pensou outra. “Ele é meu para sempre!”, pensou uma terceira.

E à medida em que cada pensamento orgulhoso ou possessivo surgia em suas mentes, o encanto se desfazia e seu mundo se alterava. Krishna desapareceu da cena. Algumas *gopis* descobriram que estavam abraçando árvores. Algumas abraçavam a si mesmas. Todas ficaram desoladas e desnorteadas. O que estavam fazendo ali, com seus cabelos e roupas desarrumadas? Até mesmo a floresta, que momentos antes era tão mágica, agora parecia fria e vazia. O vento sussurrou pelas árvores como um suspiro de desapontamento.

— Para onde ele foi? Onde está Krishna? — lamentou uma delas.

— Apenas um momento atrás ele estava dançando comigo! — disse a segunda.

— Ele não poderia estar com você, pois estava comigo — disse uma terceira.

— Não! Ele estava comigo! — disse outra.

Dos fundos da clareira, outra *gopi* alertou:

— Ele foi nesta direção. Posso ver suas pegadas.

Ela apontou. De fato, lado a lado na areia macia e prateada à beira do rio, havia dois pares de pegadas: um grande e um pequeno.

— Alguém foi com ele!

— Radha! Onde está Radha?

— Sim, onde *está* Radha?

Procuraram por toda parte, mas não havia sinal dela, apesar de ter sido vista dançando entre elas.

Com isso, a agonia de sua perda foi agravada por pontadas agudas de ciúmes.

— Vamos seguir as pegadas!

E assim fizeram, seguindo o caminho de areia que se afastava para longe do rio, e para dentro da floresta. Até que a *gopi* que guiava o grupo parou abruptamente e levantou um braço para sinalizar às outras.

— Vejam! — disse.

Elas se juntaram à sua volta. O rastro das pegadas menores havia terminado, mas as maiores continuavam, e eram mais profundas e claras.

— A partir daqui ele deve tê-la carregado! — disse a líder.

Elas se entreolharam em desalento. Parecia cada vez mais certo que Krishna havia escolhido sua consorte – e sua escolhida não era nenhuma delas.

## PARTE QUATRO:

### A lição de Radha

Era verdade que o Senhor Krishna havia deixado a clareira com Radha, e também verdade que ele a havia levantado e carregado em seus braços quando ela se cansou. Pois naquela noite, enquanto Radha dançava com as outras *gopis*, Krishna pôde ver que ela estava completamente absorta no

sentimento de amor. Ela não queria nada em troca. Quando os lamentos de desapontamento puderam ser ouvidos ao seu redor, à medida que os outros Krishnas desapareciam, ela estava demasiadamente imersa em sua própria experiência de amor para se aperceber do resto. E o Senhor, ao reconhecer esta *bhakti* pura, quis guiá-la ainda mais fundo em sua experiência. Ele a tomou pela mão e a guiou pela areia prateada e pela floresta banhada pelo luar. Quando ela se cansou, ele a levantou e carregou. A esta altura, todas as noções de quem era e onde estava haviam deixado Radha. Era como se ela estivesse em um delicado casulo de felicidade para além do espaço e do tempo.

Pouco depois, enquanto descansavam debaixo de uma árvore, Radha recuperou a consciência de onde estava. Ela olhou para o Senhor Krishna, maravilhada. Os olhos dele eram como poços de infinitude, atraindo-a cada vez mais fundo, até que pareceu que ela havia alcançado a origem do universo. Naquele momento, ela entendeu:

— Ele realmente é o Senhor onipresente! Ele banha o mundo inteiro em amor! — disse. Então um pensamento surgiu. — E eu sou a única que entende isso, porque eu o amo tanto.

Com aquele pensamento, seu êxtase se evaporou. Krishna desapareceu e ela se encontrou sozinha na floresta, sem ter a companhia nem das outras mulheres. Agora Radha estava repleta com uma angústia avassaladora.

— Krishna, meu amado, meu Senhor, onde você foi? — exclamou.

Claro como um sino, ela ouviu a voz de Krishna dentro de si.

— Não estou perdido. Apenas estou escondido. Agora depende de você, e de todas as outras, me encontrar.

Momentos depois, ela ouviu o som de vozes femininas vindo pelo caminho e então suas irmãs surgiram ao seu redor. Algumas estavam desconfiadas, certas de que ela sabia onde Krishna estava. Outras podiam ver que ela estava tão desolada quanto elas próprias e sentiram compaixão. Ela repetiu as últimas palavras que havia ouvido Krishna dizer:

— Não estou perdido. Apenas estou escondido. Agora depende de você, e de todas as outras, me encontrar.

Quando ouviram isso, as *gopis* concordaram que Krishna estava pregando nelas uma de suas peças. Esta havia sido apenas mais uma de suas brincadeiras. E certamente elas o encontrariam.

## PARTE CINCO:

### *As gopis vasculham a floresta*

— Onde está Krishna? Você viu Krishna? — as *gopis* exclamavam enquanto vagavam pela floresta. — Krishna! Você viu Krishna? — perguntavam para as árvores, para os pássaros, para as flores, para o rio, para a terra e o céu, a lua e as estrelas. E as árvores e pássaros e animais e flores, o rio, a terra e o céu, a lua e as estrelas sussurravam em resposta:

— Todos nós somos formas do Senhor. Ame-nos e você O encontrará.

No início as moças não ouviram, ou se ouviram, não prestaram atenção. Ainda acreditavam que somente Krishna, seu lindo pastor, poderia lhes dar o objeto de seus anseios. E Krishna, na forma do gracioso pastor, não podia ser encontrado em nenhum lugar. Conforme as horas passavam, as *gopis* foram ficando mais fatigadas e desiludidas.

Neste meio tempo, Radha havia encontrado o caminho de volta para a clareira, na elevação à beira do rio. Ali se sentou em silêncio e refletiu

sobre tudo o que havia acontecido. Ela havia estado absorta em seu amor por Krishna. Aquele amor pareceu imenso e todo-poderoso, como se contivesse tudo o que existia no mundo e além. E tinha sido extraordinariamente extático. Como e por que ela havia perdido aquele amor?

Assim que ela se fez a pergunta, a resposta surgiu. O amor desaparecera no momento em que ela pensou que era a única que podia perceber a verdadeira natureza de Krishna. Com aquele pensamento possessivo e orgulhoso, ela havia se excluído da experiência do amor do Senhor.

— Nunca mais — disse ela. — Se eu for mais uma vez abençoada com essa experiência, jamais pensarei de novo que ela é só minha. Pois você é o Senhor de todos. Ninguém pode possuí-Lo. Ninguém O possui.

Mais uma vez, ela ouviu a voz do senhor Krishna.

— Olhe para dentro. Estou dentro de você e em todos os lugares.

No início, ela não entendeu as palavras dele, então as repetiu várias vezes, permitindo que as palavras reverberassem dentro de si.

Ao fazê-lo, o Senhor Krishna apareceu em sua tela mental: resplandecente em seu traje de seda amarela, o brilho de sua pele escura e a pena de pavão nos cabelos. Uma gratidão imensa tomou conta dela. Internamente, ela começou a oferecer a ele uma guirlanda de *tulsi* e jasmim. Ofereceu um *pranam*. Ela o adorou e implorou que pudesse dedicar sua vida ao seu serviço. Conforme ela fazia isso, ele sorriu para ela e mais uma vez ela sentiu que todo o seu ser foi inundado por amor. Ela se sentiu plena, completa e extremamente feliz, da mesma forma que havia se sentido quando dançara com ele.

E então ela entendeu. A experiência de amor, êxtase e plenitude existia dentro dela. Aquilo *era* Krishna. Agora ela reconhecia que o Senhor estava vivo dentro dela – e ao seu redor.

## PARTE SEIS: O *darshan* do Senhor

Também para as outras *gopis*, a noite mágica estava produzindo uma transformação. Enquanto procuravam por todos os lugares pela forma de Krishna, era como se começassem a enxergar o mundo à sua volta com novos olhos. Algumas sentiram um grande amor pelas criaturas da floresta, algumas ficaram encantadas com a intrincada beleza das flores e das samambaias e outras com o tamanho da copa e a fortaleza das árvores. Algumas foram à margem do rio e olharam lá no fundo de suas águas poderosas. Algumas se maravilharam com a vastidão do céu noturno, salpicado de estrelas. Agora, conseguiam ouvir a floresta e o sussurro de suas criaturas:

— Somos formas do próprio Senhor. Ame-nos e você O encontrará.

E, gradualmente, em cada uma delas o entendimento começou a crescer. Se cada flor e criatura era uma forma do Senhor, as *gopis* podiam ter seu *darshan* em todos as direções que olhassem. Com isso, a alegria e o contentamento surgiram nelas e mais uma vez conseguiram sentir sua própria bondade e beleza, como havia acontecido na presença de Krishna. Agora também enxergavam bondade e beleza umas nas outras. As experiências eram nectáreas. Todas as carências e anseios desapareceram.

A lua benevolente ainda brilhava acima de suas cabeças. Era como se os próprios planetas tivessem desacelerado suas órbitas para prolongar a beleza da *lila*. Em pares e trios, de braços dados, as *gopis* retornaram à clareira. Ali, sentaram-se no chão e começaram a cantar o nome de Shri

Krishna. Suas vozes, transbordando de amor, preencheram o ar da noite. Cantaram com mais doçura ainda, entregando-se completamente ao momento, descobrindo nele a *bhakti* pura — o amor a Deus, por elas mesmas e pelas outras. E então — conectadas através do canto — ouviram mais uma vez o som hipnotizante da flauta de Krishna. Uma a uma, abriram os olhos.

Shri Krishna estava de volta à clareira junto com elas, com sua guirlanda de *tulsi* e jasmim. Radiante, sorriu para elas.

— Eu sou o amor que sentem em seus corações — disse a elas. — Lembrem-se de mim e estarei com vocês.

Se as palavras dele haviam sido ditas em voz alta ou faladas aos seus corações, elas não conseguiram distinguir — e nem importava, pois agora elas sabiam que eram a mesma coisa.

E o Senhor Krishna fez um sinal para elas, para que se levantassem e dançassem mais uma vez.

As *gopis* se levantaram em uníssono. Formaram grandes círculos abertos ao seu redor. Desta vez não estavam se exibindo ou se esquivando. Moviam-se harmoniosamente, graciosas como uma revoada de pássaros.

Os deuses e músicos celestiais suspiraram satisfeitos ao presenciarem a parte final da *Rasalila* de Krishna. Pois agora eles viam uma mandala de amor: Shri Krishna, uma safira azul, no centro e, orbitando à sua volta, as *gopis* em um redemoinho de cores.

As *gopis* dançaram até o amanhecer, cada uma delas perdidamente apaixonada pelo Senhor. Então, cansadas e satisfeitas, voltaram para suas casas. E lá, tudo estava bem. As crianças estavam felizes e seguras e parecia que suas famílias nem tinham notado que elas haviam saído.

Não muito depois disso, acabou o período que Krishna passaria com os pastores. Ele foi chamado a Mathura para assumir sua vida de príncipe e restaurar o governante legal do reino. Mas jamais se esqueceu das pessoas gentis de Vrindavan, em meio a quem cresceu. E elas também nunca se esqueceram dele, nem da *Rasalila* encantada, quando ele mostrou a elas que ele era o amor que elas sentiam dentro de si, por elas mesmas, pelas outras e por tudo à sua volta.



© 2019 SYDA Foundation®. Todos os direitos reservados.